



PERÓXIDOS DO BRASIL, JOINT VENTURE FORMADA ENTRE O GRUPO SOLVAY E A PQM, INAUGURA PLANTA QUÍMICA NA SUZANO DE IMPERATRIZ-MA

Capacidade produtiva anual da unidade da Peróxidos do Brasil atingirá 12 mil toneladas no site da Suzano e será operada remotamente de Curitiba-PR

A unidade da Suzano Papel e Celulose em Imperatriz-MA não precisa mais das cerca de mil viagens feitas anteriormente pela Peróxidos do Brasil até a fábrica para a entrega de um dos mais importantes insumos químicos utilizados na etapa de branqueamento da pasta celulósica: o peróxido de hidrogênio. Formada pela *joint venture* entre o Grupo Solvay e a Produtos Químicos Makay (PQM), a Peróxidos do Brasil inaugurou em novembro uma miniplanta de fabricação do produto no site da Suzano.

Com capacidade de produção de 12 mil toneladas/ano de peróxido de hidrogênio, a nova planta química será operada remotamente pelos profissionais da unidade central de Curitiba-PR da Peróxidos do Brasil. A gestão moderna reforça as grandes transformações geradas pela Quarta Revolução Industrial no setor de celulose e papel, com destaque para o elevado índice de automação e robotização dos processos.

Para marcar o início das operações da miniplanta da Peróxidos na Suzano Maranhão, um evento especial foi promovido em São Paulo-SP com a presença das principais autoridades e executivos do fabricante e do fornecedor responsáveis pelo projeto. Trata-se da primeira unidade industrial de produção de peróxido de hidrogênio do mundo, inaugurada em 29 de novembro último, a ser operada remotamente.

Carlos Silveira, presidente executivo da Peróxidos do Brasil, explicou sobre o objetivo do projeto baseado no conceito myH2O2: “facilitar a vida dos clientes, para que possam criar valor de forma sustentável”. Silveira acrescentou ainda que a ideia é relativamente simples: trazer para o ponto de consumo uma fábrica em menor escala que utilize recursos locais e, assim, elimine várias etapas do processo produtivo, aumentando a competitividade e simplificando muito a logística – já que antes o insumo precisava viajar do Paraná até o Maranhão.

“O desafio estava justamente em tornar concreta uma planta em menor escala que fosse competitiva. Foi isso o que nossos engenheiros encararam como desafio por mais de sete anos”, ressaltou o presidente da Peróxidos do Brasil. Entre os desafios enfrentados, Sebastien Duval, coordenador do projeto myH2O2 na Peróxidos, apontou principalmente as condições locais e a logística, ampliando o relacionamento com o cliente. “Foi exatamente esse elo cliente-fornecedor o responsável final pelo sucesso do projeto, já que a relação foi bem próxima e eficiente”, pontuou Duval.

Em relação à logística, Duval disse que talvez essa tenha sido a parte mais desafiadora do projeto: “Depois da fase laboratorial, já na instalação da planta no cliente, às vezes tínhamos de esperar a chegada de determinadas peças ao canteiro de obras”. Mesmo assim, a planta foi

entregue em 17 meses a partir da assinatura do contrato com a Suzano, orgulha-se Silveira. Por outro lado, disse Duval, a infraestrutura de comunicação para viabilizar a operação remota da planta, composta por dois *links*, não representou um desafio tão grande.

Em suas palavras sobre o projeto da Suzano em parceria com a Peróxidos do Brasil, Walter Schalka, presidente da Suzano, destacou que a busca pela inovação está no DNA da empresa. “Quando a Peróxidos e a Solvay nos apresentaram o projeto, pensei que seria mais um a nos trazer diferenciação em relação à concorrência”, frisou Schalka. Ele salientou que a tecnologia da Peróxidos para concretizar a miniplanta oferece um diferencial competitivo “difícilmente replicável por outras organizações”.

Schalka acrescentou ainda que o projeto da planta química local gera benefícios sociais e ambientais, pela redução expressiva da emissão de gás carbônico no transporte dos produtos. “A Suzano sempre estará aberta a inovações”, disse ele, reiterando também a continuidade dos investimentos no País, “por permanecer acreditando no Brasil e na capacidade da empresa de colaborar com uma sociedade melhor e com um país melhor”. A previsão é de despeser R\$ 1,8 bilhão em 2018.

Juntamente com Schalka, a importância do projeto foi ressaltada por Georges Crauser, presidente da unidade global de negócios – Peróxidos – do Grupo Solvay. “O investimento nessa unidade está em linha com a estratégia de crescimento dos negócios ligados ao peróxido de hidrogênio mundialmente, e a Solvay está permanentemente em discussões com outros clientes ao redor do planeta para desenvolver oportunidades de negócios, incluindo novas unidades myH2O2.” “O Grupo Solvay”, afirmou Crauser, “em outras regiões do mundo, desenvolveu tecnologia para

megaplantas de peróxido de hidrogênio”, de modo a capacitar a empresa a atender as mais diversas necessidades dos clientes.

A tecnologia por trás da pequena unidade satélite de produção do insumo químico para o branqueamento da celulose instalada em Imperatriz foi toda desenvolvida em solo brasileiro, com o apoio da Solvay em Bruxelas (Bélgica), de acordo com Duval. “Toda essa tecnologia foi criada em casa, pela Peróxidos, pois conhecemos os desafios comerciais dos clientes”, salientou. Como disse Silveira, “a instalação de uma planta satélite myH2O2 é perfeitamente adequada, principalmente para os clientes com plantas de celulose e papel instaladas em áreas mais distantes de nossa maior unidade industrial no Brasil”.

Os setores de gases industriais e energia foram uma fonte de inspiração, segundo Duval, “como a cogeração de energia, com necessidade de poucas pessoas em solo para cuidar da instalação”. Isso não é algo estranho para o setor. A indústria de papel e celulose já está familiarizada com a cogeração de energia para consumo próprio e até mesmo venda para a rede elétrica, algo que o próprio Schalka afirmou na última teleconferência sobre os resultados da empresa, que terá maior participação nos resultados no próximo ano.

O evento e a inauguração do projeto serviram também para, além de apresentar uma tecnologia promissora, refletir que o setor, talvez mais do que qualquer outro, vem buscando a autossuficiência e a sustentabilidade em insumos de qualquer tipo – e que isso também pode ser uma oportunidade futura. Como discutido durante o Congresso ABTCP 2017 na Sessão Temática sobre a **Indústria 4.0**, essa nova era trará mudanças não apenas tecnológicas, mas também de modelos de negócios para todas as empresas e setores. ■

UM OLHAR PARA O CENÁRIO FUTURO DA ECONOMIA NACIONAL

Durante o evento da Peróxidos do Brasil para marcar o lançamento de sua nova planta química na Suzano Imperatriz-MA, foi ministrada uma palestra sobre as perspectivas de desenvolvimento econômico do Brasil pelo economista José Roberto Mendonça de Barros, fundador da consultoria MB Associados e articulista do jornal *O Estado de S. Paulo*. “Estamos saindo da maior crise da história moderna do Brasil”, pontuou o executivo. “A pergunta é se a retomada será sustentável.”

Barros destacou números, como a alta na criação de empregos, a queda do endividamento e a conseqüente retomada do consumo das famílias, a derrocada da inflação dos alimentos, devido à boa safra, entre outros fatores, para exemplificar os indicadores necessários para a retomada sustentável. Analisando-se o cenário nacional e a esfera governamental,



Carlos Silveira, CEO da Peróxidos do Brasil, Flávio Dino, governador do Maranhão, e Walter Schalka, presidente da Suzano, na inauguração da miniplanta de peróxido de hidrogênio

no entanto, alguns riscos podem ser encontrados. Segundo Barros, apesar de conseguir conter os gastos públicos e aprovar a reforma trabalhista, a dificuldade de passar a reforma previdenciária representa um risco que terá de ser vencido.

Além disso, disse Barros, o melhor cenário para as eleições no próximo ano é a eleição de alguém de perfil reformista para a Presidência do Brasil, para dar continuidade ao projeto atual. “Alguém com políticas populistas, seja de esquerda, seja de direita, pode colocar a perder esses ganhos duramente obtidos”, ressaltou o economista. Barros analisou também o cenário internacional, que declarou ser “ainda essencialmente bom para o Brasil”.

Entre os pontos destacados pelo economista estão os riscos da não manutenção do crescimento da economia dos Estados Unidos, por indícios de que a recente alta registrada se deveu muito à necessidade de se estocar devido à temporada de furacões, e a reforma tributária a ser aprovada no país – além de merecer atenção o caminho da taxa de juros a ser definido pelo *Federal Reserve*, o banco central norte-americano.

Por outro lado, falando sobre a Europa, o economista afirmou: “Podemos ver que o crescimento vem se consolidando cada vez mais”. Barros apontou ainda que o Banco Central Europeu deve manter-se cauteloso no futuro próximo. Sobre a China, cuja economia tem reflexos na brasileira, ele disse que o crescimento do país segue bem no curto prazo, “o que, para o Brasil, tem um impacto fundamental, principalmente na cadeia do agronegócio”.